

A religiosidade no Quilombo do Peropava no Vale do Ribeira: distanciamento das raízes africanas e do reconhecimento cultural

*Cristina Schmidt¹
Kelli Pereira Oliveira²*

RESUMO

O estudo da cultura do negro no Brasil, iniciado na Era Escravocrata, ganhou grande foco no tocante de suas danças e alimentação, bem como de suas religiões. Na contemporaneidade, o foco amplia-se para toda a complexidade de seus saberes e fazeres no sentido de compreender, entre os remanescentes de quilombolas, como essa cultura se organiza e se posiciona em novo momento. Este artigo tem como objetivo trazer um olhar investigativo sobre a comunidade quilombola do Peropava, na cidade de Registro no Vale do Ribeira/ SP, a fim de trazer algumas de suas características atuais, bem como, descrever o percurso histórico-religioso ímpar. Os resultados mostram que, por meio de uma formação religiosa Adventista, a transmissão de valores e a construção da identidade cria um distanciamento das raízes africanas. Inclusive, afastando de processos de reconhecimento cultural e inclusão social.

PALAVRAS-CHAVES

Cultura Quilombola, Religiosidade, Reconhecimento cultural, cultura dos marginalizados, Inclusão social.

Religiosity in Quilombo Peropava in the Ribeira Valley: Distancing of African roots and recognition culture

ABSTRACT

¹ Doutora em Comunicação pela PUC-SP. Coordena o Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), onde também é professora e pesquisadora. E-mail: crisschmidt@umc.br

² Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Mogi das Cruzes UMC; Graduada em Letras pela UNISEPE; Pesquisadora no Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade de Mogi das Cruzes UMC. E-mail: kelipeoli@gmail.com

The black culture studies in Brazil, started in the Age slave, was very focused in terms of their dances and food, as well as their religions. In contemporary times, the focus extends to the complexity of their knowledge and practices in order to understand, among the remnants of quilombo, as this culture is organized and positions at the new time. This article aims to bring an investigative look at the quilombo of Peropava in Registration city in the Ribeira Valley / SP, in order to bring some of its current features as well, describe the unique historical-religious route. The results show that, by means of a Adventist religious background, the transmission values and the construction of identity creates a gap of African roots. Even away from cultural recognition processes and social inclusion.

KEY-WORDS

Quilombo culture, religiosity, cultural recognition, culture of marginalized social inclusion.

Introdução

O negro, antes mesmo de ser comercializado como mão de obra pelos europeus, já era escravizado e comercializado pelos mercadores árabes e levados para a Arábia e mercados orientais no Mediterrâneo, onde serviam aos sultões e xeiques. Schilling (2009, p. 02) relata que as tribos africanas lutavam entre si e a tribo derrotada era vendida como escrava aos árabes. Com a decadência do ouro, os europeus viram como um grande negócio a venda da mão de obra negra e no século XVI, com a produção de cana de açúcar, os escravos começaram a ser vendidos ao Brasil para substituírem a mão de obra dos escravos nativos do Brasil, os indígenas, pois não possuíam a mesma resistência do negro diante do trabalho pesado e condições precárias nas plantações de cana (UNESCO, 2010, p. 34).

Os negros eram trazidos nos porões dos navios negreiros superlotados, nos quais muitos morriam de doenças e maus tratos pelas condições subumanas de transporte. Ao chegarem ao Brasil, eles trabalhavam de sol a sol, em péssimas condições de trabalho e alimentação precária e, durante a noite, eram acorrentados nas senzalas. Essa situação degradante e cruel gerava grande revolta nos escravos e, antes de conseguirem a abolição da escravatura por meio da Lei Áurea assinada em 1888, muitos negros se rebelaram contra o sistema escravocrata e fugiam de seus senhores e, refugiando-se nas florestas, criaram grupos os quais eram chamados de Quilombos. Esses quilombos eram organizados de acordo com sua cultura africana sob o comando de um líder, onde os negros eram livres para praticarem suas danças, religiões e cultura. (RIBEIRO, 1995)

Os quilombos brasileiros, também eram chamados de mocambos, por meio de estratégia de oposição, marcados pela estrutura escravocrata, regidos por outra forma de vida, outra referência social, em que se encontravam os mais diversos tipos de tribos africanas marcadas pela opressão. Isso contribuiu para o surgimento de laços fraternos e união no uso das terras, formando assim, uma sociedade solidária diante das barbáries enfrentadas. Os quilombolas, em busca de escape e resistências às inúmeras violações sofridas pelos colonizadores se refugiavam nas religiões, nas danças e formas de expressão nas rodas de contos e histórias, perpetuadas pelo que foi passado aos seus descendentes. (RIBEIRO, 1995)

Quilombo é uma palavra de origem banta, que vem de *Umbundo Kilombo*, que significa instituição política e militar. Embora para a sociedade brasileira da época, esta insubmissão tenha sido sinônimo de fraqueza e inferioridade, pois eram vistos como preguiçosos e negligentes por fugirem do trabalho que lhes era imposto. (CARVALHO, 2012, p. 34)

Isso persistiu por mais de um século, quando na Constituição Federal de 1988, caracterizada por ser democrática igualitária e de garantia dos direitos sociais, resgata o valor e o reconhecimento dessa cultura e seus patrimônios. Com a Constituição, coube ao Estado uma maior responsabilidade na regulamentação, financiamentos e realização de políticas sociais e lhe foi assegurado o dever em áreas como educação, saúde e cultura.

A Constituição Federal de 1988 garantiu, de forma relevante, a democratização de questões que dizem respeito às expressões culturais e à preservação do meio ambiente, considerados patrimônios fundamentais. Com a sua promulgação também surgiu maior valorização de bens culturais material e imaterial e manifestações festivas dos afros brasileiros e indígenas (SILVA, 2009, p. 26), contribuindo com a dignidade humana e qualidade de vida.

Nesse sentido, as reflexões que seguem abaixo fazem parte de uma pesquisa qualitativa no Quilombo de Peropava, na cidade de Registro – Vale do Ribeira – no sul do Estado de São Paulo. O método para a coleta de dados foi composto por levantamento bibliográfico, documental e com observação direta na Comunidade Quilombola. A análise dos dados procurou percorrer os caminhos da pesquisa descritiva, trazendo os dados coletados à luz das teorias da folkcomunicação, no sentido de localizar o grupo marginalizado em momento social contemporâneo.

1. Cultura dos marginalizados e religiosidade afro-brasileira

Luiz Beltrão ao definir sua teoria da Folkcomunicação aborda a comunicação como um processo inerente à cultura e que se constitui das expressões diversas de cada grupo em forma de manifestações culturais como: festas, literatura de cordel, grafite, ritual religioso, dança, alimentação, etc. Ele diz que a comunicação ocorre entre os membros desses grupos em linguagens e meios compreensíveis entre eles. Além disso, traz uma reflexão sobre os grupos culturais que compoem esse contexto comunicativo à margem. Uma comunicação que está à margem dos grandes veículos de comunicação, ou seja, distante dos meios de massa por ser produzida pelos grupos populares. Ou seja, para ele, essas folkcomunicações são produzidas por grupos que estão à margem dos processos hegemônicos. (SCHMIDT, 2012, p.120)

Esses grupos são definidos como audiência (*usuário*) da folkcomunicação trazendo conceitos e origens dos grupos que estão à margem definidos por Luiz Beltrão como três grupos principais: rurais marginalizados, urbanos marginalizados e culturalmente marginalizados. Esses grupos ficam à margem por diferentes razões, mas principalmente por não terem acesso aos meios hegemônicos. Beltrão (1980) ainda traz em seu livro *Folkcomunicação a Comunicação dos Marginalizados*, todo o processo de colonização brasileira e os desdobramentos econômicos que vieram e foram colocando à margem muitos grupos. O autor deixa em evidência os índios, que tiveram uma transformação cultural radical por parte, principalmente, da atuação Jesuíta. E, também, a cultura negra, pelo impactante processo de escravidão e difícil reconhecimento cultural, principalmente no que se refere à sua religiosidade.

No campo da antropologia, a cultura tem um sentido imanente, ou seja, algo que o indivíduo traz em seus saberes e fazeres, uma herança herdada por gerações que pode retratar e definir o modo de vida de um povo, ou de uma sociedade inteira. Segundo Chiachiri (2013) a antropologia analisa a relação do indivíduo e seu comportamento diante dos demais indivíduos entre si e sua relação com a natureza, a humanidade vista em partes como um povo, uma tribo, um povo, uma nação e a partir deste ponto passa a ser vista como um todo.

É preciso compreender que as pessoas fazem parte, durante a sua existência, de grupos sociais diferentes, como o grupo da igreja, o grupo dos comerciantes, o grupo das mulheres, e esta participação nestes diferentes grupos sociais são

fatores que contribuem para a formação da identidade de uma pessoa. (SILVA, 2009, p. 36)

A cultura de um povo, de modo geral, representa o seu modo de vida e sua visão de mundo, essa visão de mundo passa por um processo de comunicação entre pessoas e grupos, que transmitem por várias gerações seus valores, princípios e suas crenças. Cultura é, portanto, um processo de transmissão de saberes, de comunicação de valores e referências próprias a cada tempo. Sob o olhar da folkcomunicação, Schmidt afirma que:

São diversas as formas de expressão popular que fazem a transmissão de valores e sentimentos como mídias próprias ao público. Inúmeros são os formatos e mensagens que apresentam essas significações. A cultura é a grande tela onde estão configuradas essas maneiras de exibir os conteúdos produzidos no cotidiano de cada grupo, de acordo com as suas necessidades materiais e imateriais. (SCHMIDT, 2012, p.121).

Atualmente as opressões e a luta dos negros em busca do reconhecimento e fortalecimento de identidade continua cada vez mais intensas. Os quilombolas, alguns ainda iletrados, mantém suas tradições orais, como forma de resistir às pressões de latifundiários, de especuladores imobiliários, de grupos religiosos com outras denominações, e do Poder Público; e para conseguir a manutenção ou reconquista de suas expressões culturais e das terras garantidas por lei. “A invenção de identidades político-cultural é recorrente, ela acontece sempre que determinado grupo põe-se em movimento para reivindicar o que lhe é essencial. No caso das comunidades quilombolas, a terra”. (SILVA, 2009, p. 36)

A cultura negra, assim como a sua religião, passa a ser vista como uma forma de resistência e então, como as demais manifestações culturais, deveria ser sufocada e dizimada. Mesmo com as diferenças étnicas encontradas entre os escravos, pois os escravos de mesma etnia eram separados e os de diferentes origens étnicas eram instigados a gerar conflitos entre etnias rivais para que assim, impedindo, assim, as revoltas de grupos e amistosidade entre as tribos. Com esse agrupamento interétnico, as formas religiosas foram recriadas e sobreviveram.

Essas diversidades de religiões refletiam nos numerosos grupos culturais a que os negros escravizados pertenciam. Por esse motivo houve o sincretismo entre as religiões africanas e não como muitos acham que houve entre o candomblé e o catolicismo. — Acreditamos que seja possível falar em sincretismo, no caso da umbanda. Nela, as divindades e os ritos não se justapõem apenas. Fundem-se. A fusão opera-se em níveis ideológicos, pois a doutrina incorpora os diversos valores das demais regiões. (SILVA, 2009, p. 47).

A religião africana passou pelo processo de sincretismo étnico, imposto inicialmente pelos comerciantes de escravos e depois pelos colonizadores portugueses; e atualmente pelas novas denominações religiosas cristãs, visando a aculturação religiosa e política, bem como a soberania social e econômica. Processo que percorreu e se mantém na história brasileira.

As formas de religiosidade tomaram corpo e aqui passaram por adaptações e transformações, sendo um grande exemplo de resistência cultural, pois no Novo Mundo, os africanos e africanas escravizados se defrontavam com as imposições do sistema colonial, que não só os submetiam ao trabalho forçado, como também os faziam assumir os signos culturais dos senhores de escravos e engenho, tais como língua e religião, sendo então impostos a respeitar um deus cristão. (SILVA, 2009, p. 45)

Segundo Prisco (2012) os cultos de matrizes africanas que se destacam no Brasil são:

Batuque - Rio Grande do Sul, e se estendeu para países vizinhos como Uruguai e Argentina. É fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, como as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô.

Candomblé- Do Calundu colonial da Bahia surgem os primeiros terreiros de candomblé e com eles a organização político-social-religiosa.

Cabula - é o nome pelo qual foi chamada, na Bahia, uma seita surgida no final do século XIX, com caráter secreto e fundo religioso. Além do cunho hermético, a seita mantinha forte influência da cultura afro-brasileira, sobretudo dos malês, bantos com sincretismo provocado pela difusão da Doutrina Espírita nos últimos anos do século XIX. A Cabula é classificada como candomblé de caboclo, considerada como precursora da Umbanda, persiste ainda como forma de culto nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Culto aos Egungun é uma das mais importantes instituições, tem por finalidade preservar e assegurar a continuidade do processo civilizatório africano no Brasil, é o culto aos ancestrais masculinos, originário de Oyo, capital do império Nagô, que foi implantado no Brasil no início do século XIX. O culto principal aos Egungun é praticado na Ilha de Itaparica no Estado da Bahia, mas existem casas em outros Estados.

Catimbó- Concebe-se como Catimbó-Jurema, ou simplesmente Jurema, a religião que se utiliza de sessões de Catimbó na veneração da Jurema sagrada e dos Orixás (sendo estes últimos inexistentes no culto catimbozeiro original).

O Catimbó-Jurema é um culto híbrido, nascido dos contatos ocorridos entre as espiritualidades indígena, europeia e africana, contatos esses que se deram em solo brasileiro, a partir do século XVI, com o advento da colonização.

Umbanda é uma religião brasileira que sincretiza vários elementos, inclusive de outras religiões como o catolicismo, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras e a religiosidade indígena. A palavra umbanda deriva de m'banda, que em quimbundo significa "sacerdote" ou "curandeiro".

Quimbanda. - é uma ramificação da umbanda desde a sua fundação pelo médium brasileiro Zélio Fernandino de Moraes, já que o mesmo admitiu ter um exu como guia por ordens de seus guias. Assim como qualquer religião, dentro da quimbanda, existem várias linhas de desenvolvimento, mas o princípio de trabalhar respeitando as leis da Umbanda é fundamental, uma vez que estas entidades são comandadas pelas entidades da Umbanda, que é sua matriz.

- A Nação Xambá é uma religião afro-brasileira ativa em Olinda, Pernambuco.

Omolocô é um culto originário do Rio de Janeiro com práticas rituais e de culto aos Orixás e que aceita cultos, aos Caboclos, aos Pretos-velhos e demais Falangeiros de Orixás da Umbanda. O culto Omolocô é apontado por estudiosos do assunto e praticantes como um dos principais influenciadores da formação da Umbanda africanizada ao lado do Candomblé de Caboclo, do Cabula e do próprio Candomblé. Teria surgido, segundo Tancredo da Silva Pinto entre o povo africano Lunda-Quiôco. (PRISCO, 2012, p.3-4)

Essas religiões trazem uma complexidade de diferenças que vão das origens aos rituais, compõem formas diferentes de ritmos, canções e vestimentas, histórias e localidades. Mas aqui destacamos os instrumentos que marcam a musicalidade e as danças evidenciadas em todas as expressões. Instrumentos muito diferenciados dos utilizados com a formação cristã que recebem no Brasil. Os instrumentos predominantes são os de percussão como o: Afoxé – formado por uma cabaça revestida com uma rede de miçangas; Kora – instrumento com 21 cordas, feita cabaça cortada e pele, com som semelhante à harpa – era usada em rituais dos africanos muçulmanos; os Tambores ou macumbas, principal instrumento musical – feito em diferentes tamanhos em bambu ou madeira, com couro na parte superior- eles eram utilizados para diferentes formas de expressão: dos rituais religiosos aos festivos, e também como meio de comunicação entre comunidades distantes.

2. O Quilombo do Peropava

A Comunidade quilombola do Peropava encontra-se em um bairro rural situado a nordeste do centro urbano da Cidade de Registro³, tendo por limite sul Juquiá e a Sudeste Iguape, localiza-se entre os rios Guaviruva e Peropava. O acesso ao quilombo se dá por meio de estrada de terra – estrada que se inicia no quilometro 426 da BR 116, sentido São Paulo. Percorrem-se, nesta estrada 11 km até chegar à sede da Comunidade do Peropava.

A comunidade se formou com a chegada de escravos libertos vindos do bairro de Guaviruva e da cidade de Iguape. Esses ex escravos vieram em busca das terras para plantio e moradia, onde poderiam criar seus filhos. A história desta comunidade inicia-se na Vila de Iguape, onde na metade do século XVII, trouxeram os primeiros escravos para a exploração do ouro nos rios do Vale do Ribeira. A maioria dos negros vindos de diversos pontos da África, ficava na Vila de Iguape, os demais distribuídos na cidade de Iporanga, Apiaí e Eldorado. No século XVIII, o município de Iguape teve um declínio econômico, devido a escassez do ouro e os negros passam a trabalhar nas plantações de arroz, nova atividade econômica de Iguape, que exigiu maior quantidade de mão de obra, onde cada vez mais escravos eram trazidos para a Vila.

Em 1808, a população de Iguape era composta por 3.349 pessoas, dessas 1747 eram brancos, 640 negros livres e 952 escravos (FORTES, 2000), se observarmos essa população, a soma de negros livres e escravos chega a 1.592 pessoas, quase metade da população Iguapense. Após a morte de seus proprietários, que em seus testamentos determinavam quais escravos teriam direito a liberdade, parte desses escravos conseguiram ser libertos e ainda outros compraram sua alforria.

³ A cidade de Registro está localizada na região Sul de São Paulo e é uma das cidades que compõem o Vale do Ribeira. A cidade tornou-se abrigo para os primeiros japoneses vindos para o Brasil, que utilizavam a terra para a agricultura, mas já possuía uma população significativa de negros. A Economia é predominante na agricultura e na pecuária, com poucas indústrias de beneficiamento. Tem um grande índice de desigualdade social, cultural e econômico. Seus indicadores sociais se confrontam, pois possui áreas de boa estruturação, com o maior centro comercial do Vale do Vale do Ribeira, onde se encontra uma diversidade de comércio e serviços. Porém, parte do município possui uma população vivendo em situações precárias, onde a pobreza os priva dos serviços públicos e privados e, para obterem o mínimo necessário, precisam se deslocar para o centro urbano em busca dos mais simples serviços. A ausência de grandes empresas e indústrias na cidade levam muitos jovens a irem embora, após concluírem o Ensino Médio, em busca de emprego e melhores condições. Conforme mostra o site da cidade de Registro/ SP (2013) o município possui 54.261 habitantes, população urbana de 48.169 e população rural de 6.092. A cidade ainda possui 3% de crianças fora da escola. As áreas rurais, como o quilombo, não possuem escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, fazendo com que as crianças e jovens tenham de se deslocar para o centro da cidade ou escolas de bairros mais próximos para poderem continuar os estudos.

Muitos escravos ainda conseguiam barganhar com seus senhores e tinham permissão para, nas folgas, plantarem suas próprias roças em terras cedidas ou até mesmo prestar pequenos serviços a outros senhores onde o dinheiro obtido ficava para si. (REIS e SILVA, 1989) Assim aconteceu com Francisca e Domingos Alves, negros livres que no registro de Terras de Iguape estão como proprietários de terra localizada no bairro Guaviruva, as margens do Rio Peropava. Os pais de Francisca, até quando ela tinha dez anos de idade, eram escravos. A senhora Chica, como era conhecida no bairro Peropava é mãe de Chico Alves, Joaquim Alves e José Francisco Alves.

No início do século XIX, devido o aumento da família, as terras de Chica e Domingos tornou-se insuficiente para que os seus filhos pudessem plantar e viver, o que os levou a deixar seus pais e sair a procura de novas terras livres nos sertões de Iguape. Chico Alves e José Francisco Alves com suas esposas, Lucia Maria do Espírito Santo e Rosa, respectivamente, foram os primeiros moradores da comunidade Peropava; enquanto Joaquim Alves e sua esposa Maria Constância se instalaram no bairro do Morro Seco, onde se formou outra comunidade Quilombola. Eles foram os primeiros moradores do Quilombo Morro Seco⁴. Este grupo familiar ficou sendo conhecido como Mocafe ou mucafre⁵, como pronunciam os mais velhos da comunidade.

Por volta de 1870, chegou a Peropava Antônio Evaristo Bruno de Melo, escravo liberto vindo de Iguape que se casou com Sofia, irmã de Lucia. Seus descendentes se casaram, vivem no quilombo até hoje e muitos se casaram com os *mocafes*. A comunidade do Peropava, segundo os dados da Fundação ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo), conta com 25 famílias pertencentes à comunidade.

A comunidade do Peropava, assim como os demais, é formada por remanescentes de quilombo e terceiros (não quilombolas). Esses terceiros se apropriaram da terra, pois os quilombolas não registravam suas terras, compartilhando a concepção de que terra tem um

⁴ O Quilombo do Morro Seco foi reconhecido como Remanescentes de Comunidade de Quilombo em 2006.

⁵ A palavra Mocafe ou mucafre é de origem árabe e significa dos Cafres. Esses eram considerados os gentios e idólatras, e por isso, os negros pagãos da África oriental também eram chamados da mesma forma; assim como o povo banto de Moçambique, África do Sul e dos demais países do sudoeste da África também. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, este termo era usado pelos europeus designando os negros vindos da região africana conhecida como Cafria. Depois, no Brasil, se tornou um termo pejorativo, que significa pessoa rude, bárbara e ignorante, dirigida aos negros escravizados, que vinham da África e não eram batizados. Muitos membros da comunidade utilizavam o nome *Mocafe* como sobrenome.

valor moral, é um bem de uso social que supre as necessidades do grupo por meio do trabalho.

A comunidade quilombola do Peropava, ao longo dos anos, sofreu muitas transformações culturais que modificam radicalmente sua formação; assim, ganharam características particulares que ainda não foram encontradas nas demais comunidades da região do Vale do Ribeira. A transformação mais marcante nessa localidade é referente à religião, em que desde 1940 tem a predominância da Congregação Cristã no Brasil (CCB). Essa predominância será determinante para a continuidade do grupo social em Peropava, a forma como as pessoas se relacionam com a cidade, com seus familiares, e com a questão da descendência africana – inclusive no que se refere à condição de Quilombola.

A Congregação Cristã no Brasil, conhecida como CCB, é uma religião pentecostal onde seus membros procuram seguir à risca sua doutrina. Esta religião, por meio de sua doutrina clara e objetiva, está ligada diretamente ao modo de viver da comunidade. Segundo o relatório feito pela Fundação Instituto de Terras de São Paulo (2011)

A religião tem um papel importante para a sociabilidade dos moradores de Peropava, pude notar a convivência de valores e normas tradicionais com a doutrina da Congregação Cristã. Assim, em Peropava a população tem procurado um caminho alternativo entre a doutrina pentecostal e as crenças tradicionais da comunidade. Fato que a difere de outras com unidades quilombolas, onde muitas vezes as religiões pentecostais e neopentecostais representam um foco de conflitos; que às vezes provoca do termo quilombo por parte do grupo. (ITESP, 2011)

Esse caminho alternativo colocado pelo ITESP, está relacionado à algumas atividades festivas que misturam-se ao catolicismo, como realização de quermesse. E também, com a confecção da farinha de mandioca que é uma forma de renda herdada dos antepassados e dos indígenas. Muito embora, as lideranças da Congregação tenham buscado outras formas de profissionalização e de incentivos governamentais para que a comunidade tenha atividade profissional. As últimas negociações com o Governo do Estado de São Paulo foram ao encontro de implantar uma panificadora no Quilombo.

Porém, desde 1940, a comunidade de Peropava é evangelizada de acordo com os dogmas dessa denominação religiosa: dos batizados – com rituais e nomes bíblicos utilizados - aos casamentos; na forma de vestir das mulheres, dos homens e das crianças; na forma de fazer seus rituais, suas músicas; em sua relação com a natureza e com a história. Tudo é

marcado sobremaneira, com demandas e prioridades diferenciadas, ao ponto de ser a última comunidade no Vale do Ribeira (são aproximadamente 50 comunidades remanescentes) a se assumir como afrodescendente e a reivindicar seus direitos constitucionais de quilombolas. De outro lado, as relações com a cidade de Registro em termos políticos e sociais são aproximados por conta dessa história diferenciada, mas nem por isso menos marginalizada.

Em sua distancia geográfica da cidade em 14 km, Registro está predominantemente administrada e pautada por grupos de outras descendências, tais como a japonesa, que é maioria da população, e outros grupos de descendência árabe, italiana, portuguesa onde a religião principal é a católica. Com isso, as demandas sociais são mais atendidas quando ligadas aos grupos majoritários, seja em número ou em poder econômico e político.

Distância também de suas crenças e rituais tradicionais, pois a Congregação Cristã no Brasil possui doze pontos de doutrina fundamentados na Bíblia Sagrada; mas, no que se refere aos princípios que vão de encontro com os da Comunidade quilombola vale citar quatro:

1 - Nós cremos na inteira Bíblia Sagrada e aceitamo-La como infalível palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. A Palavra de Deus é a única e perfeita guiada nossa fé e conduta, e a Ela nada se pode acrescentar ou d'Ela diminuir. É, também, o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. (II Pedro, 1:21; II Timóteo, 3:16-17; Romanos, 1:16)

2 - Nós cremos que há um só Deus vivente e verdadeiro, eterno e de infinito poder, Criador de todas as coisas, em cuja unidade estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo. (Efésios, 4:6; Mateus, 28:19; I João, 5:7)

5 – Nós cremos que o novo nascimento e a regeneração só se recebem pela fé em Jesus Cristo, que pelos nossos pecados foi entregue e ressuscitou para a nossa justificação. Os que estão em Cristo Jesus são novas criaturas. Jesus Cristo, para nós, foi feito por Deus sabedoria, justiça santificação e redenção. (Romanos, 3:24-25; I Coríntios, 5: 17)

9 – Nós cremos na necessidade de nos abster das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicção, conforme mostrou o Espírito Santo na Assembleia de Jerusalém (Atos, 15: 28-29; 16: 4; 21: 25) (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 2004).

Ao observar esses pontos de doutrina, percebe-se claramente que a religião adotada pelos remanescentes quilombolas em Peropava choca-se com a tradição religiosa africana, principalmente na questão dos santos e coisas sacrificadas aos ídolos, prática constante em algumas religiões de matriz africana. Além das roupas protocolares como saias e véus para as mulheres, calça e camisa social para os homens, as crianças são ensinadas desde pequenas a

orarem, a frequentarem os cultos da igreja e a seguirem a doutrina. Outro aspecto muito importante, no quilombo do Peropava, os moradores cederam uma área para que construíssem a Igreja Adventista, área esta que faz parte de sua herança cultural, faz parte do Quilombo.

No que se refere ao ritual religioso propriamente, e como citamos acima os instrumentos utilizados em cerimônias afrodescendentes, na CCB do Quilombo de Peropava possui uma orquestra com uma grande diversidade de instrumentos. Formada por seus membros, onde uns aprendem até tornarem-se aptos a ensinarem aos demais, esta orquestra foi criada exclusivamente para executar os louvores e cânticos durante os cultos, auxiliando o canto. As mulheres participam da orquestra tocando órgão eletrônico. Em Peropava tem duas organistas que se revezam nos dois dias de culto (quinta-feira à noite e domingo à tarde) e três músicos, contando com o encarregado de orquestra. Os homens tocam outros instrumentos como o violino, o saxofone, e alguns poucos de percussão. Essa organização reflete a mesma no interior da Igreja, onde há tarefas diferenciadas, lugares diferenciados – inclusive com separação entre homens e mulheres nos bancos durante o culto.

Conclusões

A comunidade quilombola caracteriza-se como um polo propagador de cultura e história dos afrodescendentes. Seu propósito está além da promoção individual ou de pequenos grupos, mas na promoção do quilombo como um todo. A comunidade deve participar efetivamente de programas que atendam ao bem estar e o desenvolvimento do quilombo. Como vimos, no Quilombo do Peropava a religiosidade completamente alterada, está com dupla interferência: por um lado, busca integrar o grupo com a cidade de Registro e com a realidade econômica com busca de alternativas de promoção de renda. Por outro, está a quase 80 anos desconstruindo uma identidade cultural importantíssima para o enraizamento de gerações. Desconstruindo uma história que distancia toda uma comunidade e seus descendentes dos direitos constitucionais.

Por fim, inseridos em uma cultura religiosa diferenciada das origens e matrizes africanas, os quilombolas de Peropava os processos de folkcomunicação ficam diferenciados em termos de audiência, pois uma traz as referências do contemporâneo com a religião protestante; e outra, pede as referências ancestrais. Com isso, gera maior dificuldade em

trazer sua identidade histórica e provoca maior distanciamento para atingir a plena conquista dos direitos previstos na Constituição, que garantem aos quilombolas seus direitos mesmo após grandes transformações de questões religiosas. Para isso, é fundamental o resgate histórico de seu passado, a compreensão de que mesmo que haja transformações religiosas na comunidade, sua história de grupo marginalizado com muitas lutas não mudou; e suas tradições e culturas, assim como as dos demais povos não se perderam, mas se recriaram, se reinventaram para novos enraizamentos.

Referências

ANDRADE, Anna Maria; TATTO, Nilton. **Inventário Cultural do Vale do Ribeira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

BELTRÃO, LUIZ. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal.

CARVALHO, Patrícia Marinho. **A travessia Atlântica de árvores sagradas**: Estudos de paisagem e arqueologia em áreas de remanescente de quilombo em Vista Bela, MT. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual de São Paulo, 2012.

CHIACHIRI NETO, Antônio Roberto. **Comunicação, tecnologia e cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2013.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL (São Paulo, SP). Estatutos. São Paulo, 2004.

FORTES, Roberto. Iguape...nossa história. Iguape, SP. Edição do Autor, 2000.

MORAIS, Caroline de Oliveira et al. **Comunidade de Peropava: resistências e Permanências**. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 5., 2009. **Anais...** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

PRISCO, Carmen S. **As religiões de matriz africana e a escola**. Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana. São Paulo: 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHILLING, Voltaire. **África negra: colonização, escravidão e independência.** Cadernos de História do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/africa.htm>>. Acesso em: 25 set. de 2015.
SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados.** In: MELO, J.M. (org). Fortuna Crítica de Luiz Beltrão: dicionário biobibliográfico. São Paulo: Intercom, 2012.

SILVA, Joseane Maia Santos. **Comunidades quilombolas: suas lutas, sonho e utopias.** Revista Palmares. Brasília, v. 5, n. 5, p. 33-39, ago. 2009. Disponível em: <http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=961>. Acesso em: 28 set. 2015.

UNESCO. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935.** Editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

Artigo recebido em: 08/08/2016

Aceito em: 26/09/2016